

ESPECIAL

# FAFEN

## Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados da Bahia 47 anos de história e luta

No dia 14 de outubro de 1971 caiu da torre de granulação da FAFEN-BA, o primeiro grão de ureia fabricado no Brasil. Há 47 anos, a FAFEN-BA produz insumos que potencializam o mercado agropecuário brasileiro.

A fábrica, ao longo de sua história, foi marcada pela luta e resistência de seus trabalhadores e sindicato, que tiveram de enfrentar diversos ataques. O primeiro ocorreu em 1990, quando o presidente Fernando Collor instituiu o Programa Nacional de Desestatização que incluiu, dentre outras, a privatização da, então chamada, Nitrofertil.

Após três anos de muita mobilização sindical e com o apoio de figuras proeminentes no cenário político da Bahia e de Sergipe, o então presidente Itamar Franco excluiu do Programa de Desestatização a Nitrofertil. Ainda em 1993, a Nitrofertil foi incorporada à Petrobrás passando a ser chamada Fábrica de Fertilizantes Nitrogenados.

Vinte e cinco anos depois, a FAFEN entra novamente na mira dos entreguistas.

A decisão da Petrobrás de encerrar as atividades das fábricas de

fertilizantes foi anunciada em março deste ano. A estatal alega prejuízos na operação e planeja a venda dos ativos do setor. Após diversas intervenções do Sindipetro, a última delas uma Ação Popular, com pedido de liminar visando à suspensão do fechamento das fábricas, a Petrobrás adiou a hibernação das Fafen's. Marcada inicialmente para o dia 30 de junho, a hibernação foi adiada, pela primeira vez, para 31 de outubro, e, posteriormente para o dia 31 de janeiro de 2019.

### **Efeito cascata – fechamento trará grandes prejuízos ao Polo de Camaçari**

A FAFEN Bahia é responsável pela produção de 474 mil toneladas/ano de ureia, 474 mil toneladas/ano de amônia e 60 mil toneladas/ano de gás carbônico, tendo os dois primeiros importância fundamental no desenvolvimento da agricultura e da pecuária no Brasil.

Com a paralisação das atividades da fábrica, 700 postos diretos de trabalho serão fechados e haverá impactos em toda cadeia produtiva do setor, o que pode aumentar o número de desempregados. As con-

sequências para muitas empresas do Polo Petroquímico de Camaçari, que utilizam os produtos da FAFEN como matéria prima, serão desastrosas:

- A amônia é necessária para a produção da OXITENO, ACRINOR, PROQUIGEL, IPC DO NORDESTE e PVC.

- A ureia é utilizada na HERINGER, FERTPAR, YARA, MASAIC, CIBRAFERTIL, USIQUIMICA e ADUBOS ARAGUAIA.

- Já a CARBONOR, IPC e White Martins necessitam do gás carbônico, em sua produção.

A grande contradição é que o segmento de fertilizantes encontra-se em expansão tanto no Brasil quanto no mundo e a demanda do mercado brasileiro de fertilizantes é maior que a produção nacional.

No Brasil, entre 2003 e 2012, o consumo de fertilizantes passou de 22,8 milhões de toneladas para 29,6 milhões, o que configurou crescimento de 30% no período. De acordo com a previsão da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), entre 2010 e 2020, somente no Brasil, a produção de alimentos crescerá 40%.

Portanto, depender do mercado externo de fertilizantes é arriscado.

Os fertilizantes são insumos essenciais à produção agrícola, sendo necessário tratar sua produção como questão de Segurança Nacional. O fechamento da FAFEN-BA e das demais Fábricas de fertilizantes do país, parte do plano de 'desinvestimentos' da Petrobrás e coloca em risco a Soberania Alimentar e o Agronegócio do Brasil, uma vez que a produção agrícola passará a depender totalmente da importação de fertilizantes.

Em âmbito estadual, haverá perda de empregos, renda e receita para os municípios da região e para o Estado da Bahia, com potencial dano a toda cadeia produtiva do Polo Petroquímico, dependente dos insumos da FAFEN.

Como se vê, a FAFEN Bahia sofre ataque enquanto completa 47 anos de existência. Estamos lutando para vencer essa batalha como vencemos em 1993. Conseguimos um segundo fôlego, não sabemos por quanto tempo. O futuro que se desenha será tão inédito quanto nefasto.

Estejamos mobilizados na fábrica e na política. Precisamos retomar os investimentos na Petrobrás, na Bahia e no Brasil.

O futuro também depende de nós.

# Cronologia de uma lu



O Jornal Semanal do Sindipetro Bahia nº 217 de 20 de fevereiro de 2017 já antecipava o que estava por vir: “a Petrobrás pretende fechar a primeira indústria do Complexo Petroquímico de Camaçari e primeira fábrica de ureia do país, a ‘semente do Polo’”.

Em 20 de março de 2018, a Petrobrás anuncia, confirmando o que já vínhamos alertando, a paralisação das atividades das duas fábricas (FAFEN Bahia e FAFEN Sergipe) no dia 30 de junho.

Da lá pra cá realizamos diversas outras audiências públicas, reuniões, mobilizações. Ocupamos a Câmara dos Deputados e o Senado Federal para onde levamos o nome da Petrobrás e a importância das fábricas. Nos reunimos por diversas vezes com o Estado da Bahia, FIEB, Abiquim e empresas afetadas.

No dia 19 de março de 2018 realizamos um Cara a Cara onde tratamos do “Fechamento da FAFEN e os impactos para a soberania alimentar, o agronegócio e a economia baiana”.



Diante da pressão exercida pelos sindicatos, clientes e parlamentares, a Petrobrás anuncia, em 27 de março, o adiamento da hibernação das fábricas para o dia 31/10. O anúncio saiu quando o Sindipetro Bahia e Sindipetro SE/AL estavam em audiência pública na Câmara Municipal de Laranjeiras/SE.



Em 17 de março de 2018, o Sindipetro Bahia publicou um editorial intitulado “Fechamento da FAFEN Bahia compromete Segurança Nacional” que obteve mais de 21 mil leituras.

# ta que ainda persiste



Nosso material, tanto publicado como releases especializados, foi utilizado em várias matérias de jornais locais e nacionais. Reportagens realizadas na porta da fábrica em Camaçari com trabalhador@s e diretor@s entrevistados e contrapondo o argumento da Petrobrás para o fechamento das unidades.



Em 16 de agosto protocolamos um Mandado de Segurança no Rio de Janeiro requerendo os documentos e estudos que embasavam a hibernação. A liminar foi negada e aguardamos o julgamento de um agravo que nossa assessoria jurídica interpôs.



(Foto: Marina Silva/Arquivo CORREIO)

No dia 08 de outubro, o Sindipetro Bahia foi chamado às pressas pela Gerência Geral da FAFEN-BA para uma reunião onde o gerente comunicou a suspensão da hibernação como um "indicativo" alegando que ainda não tinha sido apresentado pela diretoria o detalhamento da suspensão, prazo, etc.

Articulações políticas no congresso e até a tentativa de um decreto legislativo por meio de assessores nossos em Brasília. Há alguns meses vínhamos trabalhando na possibilidade de impugnar a hibernação por via judicial e conseguimos levantar algumas teses jurídicas importantes.



No dia 04 de outubro protocolamos, na Bahia, uma Ação Popular com pedido liminar visando a suspensão da hibernação das 2 (duas) fábricas, independente as quais federações pertenciam, e no dia 10/10 o juiz da 13ª Vara Federal determinou que a Petrobras e a União se manifestem, no prazo de 72 horas, e após decidirá sobre o pedido de liminar para suspensão do processo de hibernação.



Na ação, argumentamos a ilegalidade na decisão da diretoria da Petrobrás, já que a hibernação das FAFEN's necessita de autorização legislativa por ser uma empresa estatal. Por outro lado, também conseguimos demonstrar que os prejuízos alegados pela Petrobrás são oriundos da sua própria política de preços para o gás natural, num gesto de auto-sabotagem.

No dia 30/10/2018, a Petrobrás publicou uma nota de Fato Relevante postergando a hibernação para o dia 31/01/2019.



No mesmo dia (30/10), a Petrobrás juntou ao processo da Ação Popular movida pelo sindicato documento informando ao juiz a suspensão da hibernação e pedindo indeferimento da liminar. Para manter o Juízo ciente de todos os fatos, no mesmo dia, o Sindipetro Bahia protocolou um pedido de suspensão do processo, até que a Petrobrás tenha uma posição definitiva sobre a FAFEN e sua participação no mercado de fertilizantes.



# A Petrobrás, a carne brasileira e o câncer

No dia 10 de abril ocorreu uma Audiência Pública na Comissão de Agricultura e Reforma Agrária do Senado brasileiro que discutiu a determinação da Petrobrás de fechar as Fábricas de Fertilizantes Nitrogenados (FAFEN) na Bahia e em Sergipe. Participaram da audiência organismos importantes do setor, dos governos e sindicatos.

Na ocasião, o diretor do Sindipetro, Jailton Andrade, alertou para o risco alimentar futuro com o desabastecimento da ureia pecuária no país, já que a Petrobrás é a única fabricante do produto. “É preocupante que a Petrobrás e, portanto, o Brasil, deixe de fornecer esse insumo para a pecuária, que não é substituível”.

O Presidente da Comissão de Pecuária da FAEG e da Associação Novilho Precoce e membro da Comissão Nacional de Pecuária, Maurício Veloso, também fez duras críticas à iniciativa da Petrobrás. Segundo ele, o fechamento das fábricas implicará no desabastecimento de ureia pecuária no país e, em substituição a essa ureia, poderá haver fornecimento de ureia fertilizante que contém formaldeído, substância conhecida como cancerígena.

deído, substância conhecida como cancerígena.

As fábricas de fertilizantes produzem uma ureia especial chamada REFORCE N, que é um aditivo alimentar para ruminantes (bovinos, caprinos, ovinos e bubalinos). Ela não pode conter aditivos químicos como a ureia fertilizante, já que é usada exclusiva e diretamente para a suplementação animal. E o uso de aditivos na ração animal pode afetar a saúde humana.

Devido a especificações técnicas do REFORCE-N, a importação deste produto seria muito difícil e o custo inviabilizaria a produção do suplemento animal no Brasil. Com o fechamento dos fabricantes nacionais desta ureia (FAFEN's) pode ser entregue no mercado interno suplemento com formaldeído pela adição de outro tipo de ureia, já que não existe controle sobre a qualidade e composição da ureia importada.

## FAFEN's e o PIB brasileiro

O Brasil é o maior exportador mundial de carne. Entrega ao mundo carne in natura, processada, miúdos, tripas e carnes salgadas. Dados da ABIEQ con-

tabilizam a exportação de 1,53 milhão de toneladas de carne em 2017, gerando um faturamento de US\$ 6,28 bilhões. A carne brasileira foi vendida a 137 países no ano passado, sendo que Hong Kong, China, Irã e Egito consumiram, no total, 906 mil toneladas.

O sucesso na produção pecuária brasileira só é possível porque a indústria de ração e suplementos minerais para o gado e outros ruminantes utiliza o REFORCE N produzido pelas FAFEN's na engorda do ruminante. Segundo dados da ASBRAM, foram utilizadas 250 mil toneladas de ureia pecuária em 2017.

A decisão de fechar as FAFEN's deve desempregar 1,6 milhão de trabalhadores de frigoríficos e fazendas, aumentando a crise pela qual o Brasil passa. Os processos produtivos pecuários brasileiros ficarão à mercê de uma ureia de origem duvidosa pelas

conhecidas dificuldades de importação da verdadeira ureia pecuária transferindo riscos à segurança alimentar no consumo da carne, leite e derivados.

Por conseguinte, o Brasil pode perder um mercado externo no setor de US\$ 6,2 bilhões ao ano, já que os países importadores perderão a confiança na carne brasileira pelo risco de contaminação com formaldeído, bem como por nitrato de amônio e cloreto de potássio.

Desse modo, é necessário que o governo federal se manifeste imediatamente à sociedade brasileira e aos países importadores dos nossos produtos pecuários acerca do risco de desabastecimento que deve ocorrer a partir de 31 de janeiro de 2019, quando está previsto o fechamento das unidades fabricantes de ureia pecuária.



A insistência do governo federal em fechar as Fábricas de Fertilizantes Nitrogenados (FAFEN's) da Petrobrás pode causar enormes prejuízos em milhares de pacientes com problemas renais e que necessitam da hemodiálise para sobreviver.

O problema é que o fechamento da FAFEN Bahia vai causar um forte impacto na empresa Carbonor S.A, situada no Polo Petroquímico de Camaçari, única detentora de tecnologia de produção de bicarbonato de sódio para uso far-

macêutico e em especial para hemodiálise no Brasil, atendendo também a outros países na América do Sul.

A Carbonor utiliza dióxido de carbono (CO2) na forma gasosa, recebido por tubovia da unidade da FAFEN-BA, para a produção de bicarbonato de sódio. O CO2 é uma das matérias primas do processo de fabricação e, portanto, indispensável na sua síntese.

De acordo com a Carbonor, para tornar viável a utilização de CO2 gasoso é necessária uma fonte próxima à

## Fechamento da FAFEN Bahia coloca em risco a vida de pacientes em hemodiálise

unidade processadora. Por essa razão, as duas empresas - FAFEN e Carbonor - estão localizadas no mesmo complexo industrial.

Ainda de acordo com a Carbonor, “para garantir custos que viabilizem a produção e permitam a prática de preços competitivos no mercado de bicarbonato de sódio, não é possível a utilização de CO2 liquefeito, em função dos seus altos custos de processamento e transporte e, conseqüentemente, elevando preço de aquisição”.

O diretor industrial da Carbonor, Ascânio Muniz Pêpe, se mostra preocupado com a situação. Para ele, o fechamento da

FAFEN, que produz insumos utilizados por diversas outras empresas, é um assunto muito complexo e que não pode ser decidido de forma tão rápida. “Para nós a melhor opção é que a FAFEN continue operando, mas se isto não for possível, que haja discussão com os interessados sobre o assunto e que se dê um prazo maior para que as empresas busquem alternativas para se reestruturar e suprir a ausência da FAFEN”.

Segundo ele, as empresas que necessitam da Ureia e Amônia também vão ter sérios problemas, mas nada comparado com o que pode acontecer com a Carbonor.